

Paralelismos entre Edmond Teste e Bernardo Soares

Brutus Abel Fratuze Pimentel¹ (FFLCH-USP)

Resumo:

O objetivo é traçar paralelismos entre duas obras: de Paul Valéry, o "Monsieur Teste", que retrata a vida e o pensamento do "alter ego" Monsieur Teste, um discreto burguês; e, de Fernando Pessoa, o "Livro do desassossego", que retrata a vida e o pensamento do "semi-heterônimo" Bernardo Soares, um ajudante de guarda-livros. Fragmentárias, essas obras são compostas de inúmeras reflexões filosóficas, a versar, digressivamente, sobre uma pluralidade de temas, sem jamais concluir. Em ambas, Valéry e Pessoa se propõem a descrever dois indivíduos que, renunciando ao engajamento, abraçaram uma vida contemplativa: Teste, cujo pensamento se caracteriza pela negatividade, cultua o intelecto e a despersonalização; Soares, cujo pensamento se caracteriza pela errância, entrega-se aos devaneios e às modificações da personalidade. Todavia, apesar das diferenças de método, os dois procuram realizar o maior grau possível de autonomia espiritual.

Palavras-chave: Monsieur Teste e Bernardo Soares; vida contemplativa; despersonalização e multiplicidade de personalidades.

1

A relação do ser humano com sua própria **interioridade** não foi amiúde representada pela literatura até o desenvolvimento da sociedade burguesa, com sua heterogênea cultura, laica, científica e técnica, na qual o prestigioso conceito de indivíduo se cristaliza e se manifesta, se impõe com mais veemência e constância. Conceito que tem em filósofos como o transigente Montaigne, os racionalistas Descartes e Leibniz seus principais arautos; e em Sócrates e Santo Agostinho, precursores de uma Antiguidade em muito voltada não para os homens em suas singularidades, mas para o homem em sua generalidade. A descrição de tipos míticos e ideais, relativamente freqüente em registros orais e na passagem destes para os escritos, faz-se, a partir de então, menos constante e necessária. Personagens singulares, específicos, por vezes anônimos distantes do restrito círculo das decisões políticas e econômicas, marginais mergulhados em íntimas cogitações, agora também podem ser eleitos protagonistas. As transformações de um indivíduo, suas crises, suas evoluções, suas paralisias, não precisam ocorrer ou serem descritas, necessariamente, em cenários monumentais; em qualquer lugar, em qualquer período e em qualquer circunstância elas podem acontecer. Anárquicos na escolha de suas temáticas, muitos dos autores modernos descobrem aquilo que sempre souberam: que toda trajetória pode ser contada; que uma existência exterior e ordinária pode ocultar uma existência interior e extraordinária; que a literatura, assim como qualquer arte, assim como a própria filosofia, pode se utilizar e se apropriar de qualquer elemento, de uma visão ou lampejo, de um mínimo fragmento da realidade. Não há detalhes, não precisa haver; tudo importa, porque tudo agora vem a ser motivo para a própria criação: tudo agora vem a ser **propício**. A vida do espírito revela uma aventura tão excelsa quanto a vida do corpo. Um drama pode ser estático; uma vida, imóvel. Do sonhador cavaleiro andante de Cervantes aos desesperados personagens de Dostoiévski, passando pelos burgueses de um Balzac e atravessando as aniquiladas criaturas de Beckett, tal parece ter sido uma das constantes orientações da Literatura Moderna.

No século XX, duas obras de ficção herdaram essas perspectivas gerais e as radicalizam, sem, contudo, qualquer referência à existência de uma ou de outra. São elas: o **Senhor Teste** (*Monsieur Teste*) (a primeira edição data de 1925), do poeta francês Paul Valéry (1871-1945) e o **Livro do Desassossego** (a primeira edição data de 1982), do poeta português Fernando Pessoa (1888-1935). Numa primeira aproximação, o leitor poderia julgar-se diante de estranhos romances ou, sendo mais exato, de anti-romances. Pois talvez essas obras tenham sido deliberadamente cri-

adas como antípodas a uma forma que —apesar de extremamente resistente e plástica, constituída por um subjetivo prosaísmo mais propício a destrinçar os conflitos psicológicos do que a objetividade poética da epopéia— veio a ser “inadequada” para conter os extremos graus de **lirismo** almejados por criadores que se fizeram, sobretudo, “poetas” e “pensadores”, não “romancistas”. Se há um gênero no qual essas obras possam ser enquadradas, talvez seja aquele praticado pelos moralistas dos séculos XVII e XVIII: o do retrato. No caso, o do retrato imaginário. Pois ambas se debruçam no perfil e na exposição do pensamento de dois idiossincráticos personagens: o *alter ego* de Valéry, Senhor Teste (um excêntrico e discreto burguês numa efervescente Paris); e o semi-heterônimo de Pessoa, Bernardo Soares (um modesto ajudante de guarda-livros numa pacata Lisboa). O que faz com que o interprete as aproxime, além da contemporaneidade e da semelhança estilística por vezes surpreendentemente coincidente, é, sobretudo, a ênfase dada à **vida do espírito**, aos pensamentos dessas personagens e suas radicais e polêmicas **máximas de conduta**. Constituem-se de requintada prosa —ou poesia, posto que a diferença entre uma e outra nelas se dilui— de elementos simbolistas (ambos os poetas não deixam de ser, simultaneamente, herdeiros dessa poesia refratária à lógica tradicional e carregada de hermetismo místico e musicalidade), por vezes voltadas para um purismo que remete ao da “arte pela arte”, sem, entretanto, estarem “aprisionadas” por nenhuma dessas tendências, tampouco pelo procedimento do “monólogo interior”, como seria relativamente propício em “narrativas” que se atenham, quase totalmente, a uma única personagem. Respondem mais a exigências pessoais de caráter teórico e existencial, do que a princípios coletivos. Entre as passagens que as compõem, não há um plano definido, uma sequência cronológica previamente estabelecida. A estrutura causal dos eventos que se sucedem como anéis de uma inviolável corrente —tão característica no desdobramento de uma narrativa dita linear— não é intencionada; a trama, em sentido estrito, não existe ou é reduzida a um mínimo; a reflexão a quase tudo preenche. Épicos ao avesso, substituem a civilização pela pessoa e pela pessoa em seu mais deliberado distanciamento, em sua mais íntima introspecção. Ensimesmados, Teste e Soares vivem vidas de escassos dados biográficos, vidas recolhidas, construídas quase que exclusivamente de impressões e conjecturas, de solilóquios. Eles procuram reduzir ao mínimo possível os conflitos com o outro. As tumultuadas relações regidas por afetos e desafetos, por sentimentos viciados, relativamente habituais na vida cotidiana e familiar, parecem-lhes desgastantes em demasia, totalmente desnecessárias, mas passíveis de serem evitadas mediante uma generosa e contínua **renúncia**. Refratários à badalação de um mundo envernizado por aparências, ambos revelam que grande parte dos problemas existenciais é, apesar de intensamente operante, oriundo de uma má compreensão das convenções culturais; estas, ao se sedimentarem, na forma de crenças e desejos, no sujeito, são aceitas, não raro, como se inerentes à própria natureza, não como artificialidades inventadas no passar das gerações. Para os que se submetem a um padrão de comportamento baseado em direitos e deveres, em recompensas e castigos, Teste e Soares parecem incomodamente amorais, neutros. São **personagens negativos**. Valéry e Pessoa não se propuseram a descrever um teatro, mas apenas atores que renunciavam a atuar, a participar desta tragédia sentimental que é a vida da sociedade para se manterem na comédia intelectual que é a vida do espírito.

2

O modo como Valéry descreve Teste assemelha-se ao modo como amiúde é descrito a vida e o pensamento dos semi-míticos “fundadores” das grandes religiões: através de breves e simbólicos relatos biográficos, de compilações incompletas. Naturalmente, um suposto evangelho de Teste nada exigiria. Seus pensamentos, registrados em frases esparsas e mínimas (como, por exemplo, no “capítulo” *Log-Book*), são extremamente esotéricos. E grande parte do que dele se pode saber repousa nos dizeres e nos escritos alheios, em lembranças e interpretações alheias: em **mediações**. São os outros que se referem a ele, mais do que ele a si mesmo: um conhecido que discursa sobre um primeiro encontro na ópera e uma lúcida noite de conversas; a carta da sua esposa, Émilie Teste, confessando,

entre tantas revelações, o estranho amor que a une ao esposo; a carta de um amigo; um diálogo; fragmentos... Todavia, essas descrições todas são por demais evasivas; revelam a impossibilidade em se manter durante muito tempo uma imagem fixa dessa personagem: fica-se apenas com flutuações, com dominâncias e movimentos, com padrões. “Não existe imagem certa do Sr. Teste./ Os seus retratos são todos diferentes.” (VALÉRY, 1993, p. 63.) E é a sua própria esposa que assim afirma de um modo laminar: “Na verdade, não se pode dizer nada dele que não seja inexato no mesmo instante!...” (VALÉRY, 1993, p. 29.) Teste é, ao fim e para usar a definição de Musil sobre o personagem de seu maior romance, um **homem sem qualidades**, um **homem indefinido**. Ironicamente esquivo às adjetivações, aos qualificativos que poderiam enquadrar os seus defeitos e virtudes, ele se propõe a compreender, disciplinar e focar seus próprios processos mentais, seus próprios pensamentos com extremo rigor, para então **menosprezá-los**, para então **negá-los**. Diz ele:

“Imolo-me interiormente àquilo que eu desejaria ser!” (VALÉRY, 1993, p. 40.)
“Despreza teus pensamentos”. (VALÉRY, 1993, p. 44.) “Desprezo o que sei — o que posso” (VALÉRY, 1993, p. 71.) “Não sou tolo, porque toda vez que me encontro tolo, nego-me — mato-me.” (VALÉRY, 1993, p. 45.)

Essa **negatividade**, essa **auto-aniquilação**, que acarreta na renúncia em participar, como protagonista, da vida social, na renúncia em produzir obras filosóficas ou literárias, em deixar um legado e ser reconhecido, possui, naturalmente, um propósito. Objetiva uma real evolução. Porque todo e qualquer pensamento deve ser uma ponte na qual o pensante caminha; mas, quando é chegado o momento, deve-se abandonar o próprio pensamento, sem remorsos. “As ‘Idéias’ (...) são meios de transformação”, afirma Teste, “—e por conseqüência, partes ou momentos de alguma mudança.” (VALÉRY, 1993, p. 71.) O pensamento deve fazer daquele que pensa mais senhor de si mesmo. Negá-lo é um modo de não se identificar com ele e com nada: em não se apegar a nada. Eis o motivo do “hábito de desenvolver todo o meu pensamento — de ir até o final de mim.” (VALÉRY, 1993, p. 45.) Conseqüentemente, também é necessário eliminar, do espírito, qualquer forma de moralidade; quase sempre favorecendo o lado de quem julga e desfavorecendo o lado de quem é julgado, perspectivas morais impedem de contemplar as coisas como elas são, na medida em que as julgam, em que as idealizam em termos de bem e de mal. Na carta de Émilie Teste, esta registra as considerações de um padre sobre o amoralismo de seu esposo:

Abstrai-se pavorosamente do bem, (...), mas felizmente abstrai-se do mal... Há nele não sei que assustadora **pureza**, que distanciamento, que incontáveis forças e luz. Nunca vi uma falta de perturbações e dúvidas como esta, numa inteligência trabalhada tão a fundo. Ele é terrivelmente calmo! Não se lhe pode atribuir nenhuma doença de alma, nenhuma sombras interiores — e nada, aliás, que derive dos instintos do medo e da cobiça... Mas nada se orienta para a Caridade. (VALÉRY, 1993, pp. 33-34.)

Teste não se questiona, portanto, sobre o certo e o errado, mas, antes, abstendo-se desse tipo de dualismo, sobre o que é capaz de fazer, mesmo que não o faça, sobre o maior ou o menor distanciamento entre a vontade de agir e o poder de agir, sobre a relação entre as circunstâncias e as escolhas. Valéry assim postula que seu personagem é “o demônio mesmo da possibilidade”, pois “Ele só conhece dois valores, duas categorias, da consciência reduzida aos seus atos: **o possível** e **o impossível**.” (VALÉRY, 1993, p. 14.) Dessarte, Teste, sob o signo de um estoicismo e de um cartesianismo atualizados, assume uma racionalidade extrema: não almeja, não pode se entregar aos sentimentos e às emoções, ao medo e à esperança, à qualquer especulação estéril relacionada ao futuro. “Não há um grão de esperança em toda a substância do Sr. Teste;”, diz a sua esposa, “e é por isso que eu sinto um certo mal-estar com o exercício de seu poder.” (VALÉRY, 1993, p. 35.) Assim, por não necessitar de explicações religiosas ou metafísicas que o consolem, de absolutos,

ele foi encarado, numa célebre fórmula, como um “**místico sem Deus...**” (VALÉRY, 1993, p. 34.) Adentrando o mais profundo de si mesmo com o intuito de se anular, Teste pratica a **despersonalização**.

Por sua vez, Soares também busca essa interioridade e anulação. Todavia, de modo análogo a seu criador, pratica e se entrega às **modificações da personalidade**, dispersando-se em inúmeras conjecturas e digressões, escrevendo, na monótona solidão que acompanha seus dias e noites, um abundante e fragmentado álbum de devaneios e de paisagens mentais sobre si e sobre o mundo. Note-se que o **Livro do Desassossego** é, principalmente, assinado por ele, mas também, às vezes, por outros heterônimos de Pessoa. Abusando da repetição, da aliteração e do oxímoro, Soares se **contradiz** incessantemente, não permitindo assim distinguir em qual momento diz algo com seriedade ou não; o que, naturalmente, parece já não ter relevância. Ao percorrer os mais variados temas, ele é, simplesmente, incapaz de concluir qualquer coisa que escreva. Passando facilmente da política à estética, da teoria do conhecimento à metafísica e à mística, nenhuma área do conhecimento humano satisfaz o seu voraz diletantismo. Diletantismo que está sob o signo do erro. Como os estranhos personagens de Kafka, Soares é uma espécie de fracassado limite que, ao contrário daqueles, conscientiza-se e discursa, exaustivamente, sobre o seu próprio fracasso. A sua vida parece ser apenas uma série de tentativas em dar algum sentido a sua própria vida e a uma literatura que permanece sempre como esboço. Daí a impossibilidade de encontrar a calma ou serenidade, o **sossego** almejado, e a descrição de um espírito extremamente sensível, até mesmo aos mais simples e pequenos acontecimentos cotidianos. “Tenho de escrever como cumprindo um castigo.”, assim resume o estado no qual trabalha. “E o maior castigo é o saber que o que escrevo resulta inteiramente fútil, falhado e incerto.” (PESSOA, 1999, p. 230.) Soares é um perfeccionista que não é capaz de realizar a perfeição que idealiza. Nada do que possa fazer o satisfaz. “A acção”, diz, talvez procurando uma desculpa para essa sua ambígua “covardia”, “é uma doença do pensamento, um cancro da imaginação. Agir é exilar-se. Toda a acção é incompleta e imperfeita.” (PESSOA, 1999, p. 302.) Essa renúncia se relaciona, de modo visceral, com a sua desconfiança e a sua crítica para com aqueles que se dedicam ao proselitismo, para com aqueles que se dedicam a impor ao outro, seja de modo verbal ou físico, a sua própria concepção de mundo, o seu critério do que seja o certo e o errado, a sua moral. Ele se recusa a agir —e esta justificativa talvez seja um dos pontos capitais da sua idiossincrasia— simplesmente por querer evitar qualquer forma de violência e crueldade, qualquer forma de sofrimento. Soares não deixa de ocultar, assim, a sua secreta e terrível compaixão para com todos. “Impotente para dominar e reformar a sua própria atitude para com a vida,” sentencia,

o homem foge para querer modificar os outros e o mundo externo. (...) Combater é não ser capaz de combater-se. (PESSOA, 1999, p. 174.) Se alguma coisa odeio, é um reformador. Um reformador é um homem que vê os males superficiais do mundo e se propõe a curá-los agravando os fundamentais. (PESSOA, 1999, p. 176.)

Afastado o desejo de transformar os outros, o desejo de subordiná-los e conquistá-los, de dominá-los através de sutis doutrinas ou pela covardia da força, resta a Soares a única empresa possível: “Não o prazer, não a glória, não o poder: a liberdade, unicamente a liberdade.” (PESSOA, 1999, p. 70.) “Ser puro,” diz ele, de modo laminar,

não para ser nobre, ou para ser forte, mas para ser si próprio. (PESSOA, 1999, p. 378.) Não se subordinar a nada —nem a um homem, nem a um amor, nem a uma idéia, ter aquela independência longínqua que consiste em não crer na verdade, nem, se a houvesse, na utilidade do conhecimento dela— tal é o estado em que parece decorrer, para consigo mesmo, a vida íntima intelectual dos que não vivem sem pensar. Pertencer —eis a banalidade. Credo, ideal, mulher ou profissão — tudo isso é cela e algemas. Ser é estar livre. (...) Não: nem ligações connosco! Li-

vire de nós como dos outros, contemplativos sem êxtase, pensadores sem conclusão, viveremos, libertos de Deus, (...). (PESSOA, 1999, p. 234.)

Porém, apesar de toda essa crescente vontade de desprendimento, de desapego, há também o reconhecimento, humilde e pouco condescendente, da sua própria fraqueza, da sua própria incapacidade de se desprender, de se desapegar totalmente: “Porque, pregador que sou da renúncia, não aprendi ainda a executá-la plenamente.” (PESSOA, 1999, p. 230.).

3

Teste e Soares optam, portanto, por uma *vita contemplativa*; o que não os transforme em vulgares misantropos. Sem sacrifícios ou mortificações físicas extremas, praticam uma forma derradeira de **ascetismo espiritual**. Entretanto, dir-se-ia que entre os dois há, de modo geral, um contraste, um contraste quase simétrico: o primeiro, **pela despersonalização**, segue a via do “culto ao intelecto”, tendendo a presenciar o mundo num estado de vigília; o segundo, **pelas modificações da personalidade**, segue a via do “culto ao devaneio”, tendendo a presenciar o mundo num estado onírico. O sonho —essa fantástica experiência que ocorre durante o sono, momento no qual o sonhador amiúde não possui mais controle sobre si mesmo e se deixa levar pelo fluir das lembranças e das construções psíquicas— é, por assim dizer, procurado por um e evitado pelo outro. Isso não quer dizer, naturalmente, que o **Livro do Desassossego** adote procedimentos surrealistas e o **Senhor Teste** os recuse. Pessoa faz com que a sua personagem fantasie e analise as fantasias dela; há, portanto, uma racionalização durante o próprio sonhar. Já Valéry é confessadamente refratário às evocações de mundos oníricos, como a “escrita automática”; sua personagem rejeita os resultados que advenham do improvisado e do gratuito, em prol do controle.

Toda essa rígida vontade de lucidez permanente, em qualquer estado no qual a consciência se encontre, no sono ou na vigília, é signo de um poderoso **egotismo**, de uma poderosa atenção a si mesmo, ao “espírito” ou ao “eu”. As possibilidades e variações metafísicas e ou semânticas desses conceitos, assim como de seus correlatos, são um dos mais fecundos artifícios literários dessas obras. “Confesso que fiz um ídolo do meu espírito,” resume Teste, num célebre trecho, “sendo também verdade que não encontrei outro. Tratei-o com oferendas, com injúrias. Não como coisa que me pertencesse.” (VALÉRY, 1993, p. 37.) Ele pratica o que Valéry escreveu a respeito do objetivo dos seus próprios **Cadernos**: uma *théorie de soi-même*, cético quanto à possibilidade de discorrer, em termos objetivos, sobre outros. “O espírito não deve se ocupar das pessoas”, diz num momento extremo. (VALÉRY, 1993, p. 79.) “Suponha um observador “eterno””, arremata um amigo, tentando retratá-lo, “cujo papel se limita a repetir e exemplificar o sistema no qual o *Eu* é essa parte instantânea que se considera Tudo./ O Eu nunca poderia se comprometer sem acreditar —que é tudo.” (VALÉRY, 1993, p. 64.) Assim, Teste, seu pensamento, resulta, por vezes, numa ambígua espécie de **solipsismo**, apesar de, num plano mais pragmático, referir-se à relação, à troca e à diferença entre o que seja o mundo e o sujeito que o percebe. Soares também assume perspectiva análoga; mas, sempre excessivo, a desenvolve mais plenamente. A concepção de que o eu é a única realidade, sendo todos os demais entes idéias desse mesmo eu, parece-lhe, em grande medida, verdadeiramente adequada. Logo, o tão freqüente pronome pessoal da primeira pessoa do singular já não é mais usado somente para representar a afirmação do estado ou da ação de uma mutável individualidade, mas também a tudo o que existe. Poder-se-ia dizer que para Soares a realidade exterior identifica-se, ao fim, com realidade interior. A diferença entre uma e outra é apenas convencional. “A única realidade para mim” diz Soares, “são as minhas sensações. Eu sou uma sensação minha.” (PESSOA, 1999, p. 507.) Ou, mais arrebatador: “O universo não é meu: sou eu.” (PESSOA, 1999, p. 145.) Ante essa concepção, tampouco esta criação basilar da cultura ocidental, o tão polissêmico conceito de Deus, faz-se necessária enquanto símbolo de uma absoluta transcendência. A submissão a um ser separado de tudo, tal relação já não podem mais ocorrer

quando se sente a imanência da divindade ao mundo e ao eu. “Talvez se descubra que aquilo a que chamamos Deus,” especula Soares,

e que tão patentemente está em outro plano que não a lógica e a realidade espacial e temporal, é um nosso modo de existência, uma sensação de nós em outra dimensão do ser. (...) O próprio Eu, o de cada um de nós, é talvez uma dimensão divina. (PESSOA, 1999, p. 107.)

Surpreendentemente, no **Senhor Teste**, a seguinte frase parece reiterar, de um modo direto e conciso, essa forte intuição: “Deus não está longe. É o que há de mais perto.” (VALÉRY, 1993, p. 65.)

Apesar do tom categórico e imperativo em que esses e outros tantos pensamentos são enunciados, há que se dizer que eles sempre se configuram como impressões estilisticamente moduladas, como oscilações de maior ou menor intensidade, jamais como certezas categóricas. A impossibilidade de determinar o caráter de Teste e de escolher qual determinação corresponde ao caráter de Soares revelam, em ambos, uma forte dinâmica, uma forte instabilidade. Assim, se por um lado tais personagens professam a procura por uma autonomia espiritual, por outro, para manter a verossimilhança com relação à realidade humana, eles não podem ser descritos se furtando ao princípio da necessidade, do condicionamento de todas as coisas a todas as coisas. “Luto contra tudo,” esclarece Teste,

—salvo o sofrimento do meu corpo para lá de uma determinada grandeza. Portanto, por aí é que eu devia começar. Porque sofrer é prestar uma atenção suprema a qualquer coisa, e de certa forma sou um homem da atenção... (VALÉRY, 1993, p. 25.)

“O único facto importante para mim”, afirma Soares, “é o facto de eu existir e de eu sofrer e de não poder sequer sonhar-me de todo para fora de me sentir sofrendo.” (PESSOA, 1999, p. 369.) A partir disso: tudo então deriva. A sabedoria de ambos —se realmente é uma sabedoria— reside na antiga concepção de que a eterna dialética entre o desejo e o sofrimento compõe a gravidade inexorável do mundo. O **Senhor Teste** e o **Livro do Desassossego** não deixam de refletir, assim, a busca desses personagens imaginários, ao mesmo tempo tão humanos e tão desumanos, pelo sentido da existência, que só pode ser equacionado ou realizado, neles e talvez em todos, por um disciplinado exercício de **autoconhecimento**. Essas obras são como registros verbais desse processo, desse autoconhecimento. Que a literatura, como qualquer arte, pode vir a ser um meio material para se atingir um fim espiritual (religioso ou não) é algo relativamente praticado desde há muito, mesmo que tenha sido constrangido processo de laicização da Modernidade. Valéry e Pessoa atualizam essa possibilidade. Possibilidade que, se não ocorre de fato, ao menos pode ser expressa no universo da ficção. Eles assumem a concepção de que o conhecimento do mundo é —para ser efetivado na sua maior amplitude e síntese— inseparável do conhecimento de si. O comportamento do *alter ego* de um e do semi-heterônimo do outro revelam assim, em contraste com aqueles que os cercam como vultos quase imperceptíveis, a problemática em se voltar **tão-somente** para a natureza exterior, em separar-se desta através do seu controle e domínio. Na Modernidade, na qual eles se inserem como fiéis testemunhas, esse tipo de relação é levado ao extremo, no qual até mesmo o pensamento tende a se aprisionar dentro de limites previamente determinados, sendo forçado a resultar em algo concreto e eficaz. Teste e Soares não se deixam seduzir por tal pragmatismo, mesmo que para isso tenham que escolher um **modo de vida**, para muitos, um tanto extremado e “anacrônico”, a que poucos ousariam seguir; pois difícil é não participar, quando todos participam. Diante da pressão em se enquadrar nos moldes comportamentais tradicionalmente oferecidos, em aceitar uma moral vinda de fora, a renúncia de ambos não deixa de ser também uma forma de resistência às relações sociais nas quais o ser humano é considerado um meio e não um fim. Ao se negarem a viver as vidas que lhes são impostas, eles vivem; ao se

negarem a ser, eles são. Porque às vezes é necessário abjurar o mundo para melhor compreendê-lo, assim como a si mesmo.

4

Como foi diversos poetas, Pessoa acaba ironizando o modo como a tradição compõe o cânone da literatura oficial. O autor fictício, pelo que se conjectura a partir da invenção dos heterônimos, pode ser compreendido como uma espécie de personificação de dinâmicos e imprecisos modelos filosóficos. Valéry, através de uma crítica literária inventiva, ao expor e misturar, conscientemente, o seu próprio pensamento com o de personalidades históricas, literárias e artísticas, como Sócrates e Leonardo, também brinca com a noção de autoria. Noção que, a partir do conceito burguês de arte como expressão individual, é supervalorizada, notadamente com a cristalização da crença no gênio e na inspiração efetuada pelo Romantismo. Mas para ambos os poetas, o autor é, explícita e literalmente, uma idealização posterior à obra, construída por comentadores e editores, os que verdadeiramente definem a hierarquia do texto na tradição. Há nisso toda uma desconfiança de que a permanência de uma obra, a sua contínua atualização dada pelas interpretações futuras, depende, em muito, dos interesses dominantes de uma comunidade. Conseqüentemente, nada impede que os escritores sejam tratados como “ficções”, como personagens pertencentes a esta literatura denominada História da Literatura. O interesse, a mitificação, o “fetiche” pela suposta personalidade do artista e pela obra é transformado em princípio de criação literária. O **Senhor Teste** e o **Livro do Desassossego** não deixam de ser exemplos desse jogo. Representam essa fusão ambígua, por vezes indissociável, entre personagens (que não deixam de ser autores limites) e seus respectivos autores (que também não deixam de ser personagens). As vidas reais destes possuem propositalmente semelhanças com as vidas fictícias daqueles. Em grande medida, Teste e Soares podem ser compreendidos como espelhos —espelhos que deformam e mitificam, que retratam, quiçá, estados mais excessivos e mais puros— daqueles que os criaram. Doravante, agora não é possível mais dizer qual imagem representa o legítimo ou o simulacro, qual é a face e qual é a máscara.

Num sentido bem menos extremado que Teste e Soares, Valéry e Pessoa também preferiram a *vita contemplativa*, desconfiando da ação direta sobre o mundo. Entretanto, sendo mais preciso, eles apenas assumiram uma vigilante cautela para com qualquer forma de ação que não tenham como princípio uma necessária e profunda crítica as hodiernas condições na qual a vida se estabelece. Pois deixar de se envolver é, em termos absolutos, uma impossibilidade. Há determinadas circunstâncias que praticamente exigem decisões e ações diretas. O que neles se apresenta é, portanto, mais estritamente, a renúncia, a resistência a um engajamento cego, e ao comprometimento com alguma doutrina que subjugue o ser humano à coletividade. Para ambos as crenças possuíam dimensões particulares, assim como a própria literatura, cujo caráter é, amiúde, ser menos impositivo e mais evocativo. Assim, apesar de terem sido perspicazes observadores dos acontecimentos históricos de seu tempo, escolheram essa estratégica e suave renúncia, mantendo um comprometimento cotidiano com a construção de suas respectivas obras. Obras que estão sob o signo do **ensaio**. Pois desrespeitam os limites, por vezes demasiados convencionais e rígidos, entre a filosofia e a literatura, não se comprazendo no modo como grande parte dos sistemas metafísicos é compreendido, como doutrinas, como estruturas mentais dogmáticas a falsear a dinâmica realidade da vida em algo fechado ou acabado. Expressam saber, assim, que é da natureza do pensamento, desse fluxo mutável a condicionar as identidades e as ações humanas, contradizer-se e refazer-se, portanto, **evoluir**. Daí que para Valéry e Pessoa —ou Teste e Soares— o texto deveria ser, sobretudo, **escrituração**. Uma escrituração, que representasse, a cada momento, essa evolução. Porque, talvez, tudo o que o ser humano realize, seja no plano espiritual o físico, não passe de uma experimentação mais ou menos provisória que cumpre ser constantemente atualizada e não cristalizada num absoluto.

Valéry e Pessoa pertencem, portanto, a essa vertente de escritores e de pensadores (como um Kierkegaard e um Nietzsche) descrentes da possibilidade de explicar o mundo apenas por uma única cosmovisão, por vezes cativos da intuição de que a verdade, quando ou se existe, encarna em uma multiplicidade de máscaras. Tanto o **Senhor Teste** como o **Livro do Desassossego** explicitam essa não submissão a um universal que possa servir a todos, em todos os lugares e períodos. Essas obras, apesar de terem ocupado significativa parte da vida de seus autores, permaneceram, por conseguinte, propositadamente inacabadas, como particularizações de obras maiores, como **sínteses** das “obsessões” que ambos perseguiam. São como vitrais estilhaçados, quebracabeças à espera que outros executem, num esforço de construção, as suas inúmeras montagens possíveis; daí também a extrema dificuldade em interpretá-las, em compreendê-las numa única linha teórica. Assumem o estado de **fragmentação** e de uma fragmentação ao extremo. Nelas, os processos de composição adquirem o valor de obra mesma; o que outrora poderia ser encarado como incompletude ou imperfeição é agora assumido como virtude. O fragmento torna-se assim uma resposta, quiçá a mais legítima e adequada, à vontade de expressar o **dever**. Dever que se depreende tanto pelos fenômenos do mundo, como do **espírito** que os contempla e pensa sem repouso ou conclusão.

5

Os caminhos que cada escritor escolhe e caminha são, naturalmente, sempre singulares e irredutíveis: podem apresentar semelhanças, mas nunca identidades absolutas. O que um percorre o outro não pode percorrer, assim como o que um escreveu o outro não pode escrever. Todavia, paralelismos podem ser traçados. O **Senhor Teste** e o **Livro do Desassossego**, quando postos lado a lado, respondem a esse capricho crítico, pois, em muitos pontos, tendem a convergir; e refletem, enfim, um padrão mais ou menos dominante nos engenhosos procedimentos literários daqueles que os criaram e com eles se confundiram. Dir-se-ia que, como Teste e Soares, como seus respectivos personagens, Valéry buscou a **despersonalização** e Pessoa buscou a **modificações das personalidades**. Contudo, ambos, mesmo ao escolherem “métodos”, ou melhor, “estilos” relativamente distintos, resultam numa mesma “meta”: na construção de uma escritura altamente crítica de si mesmo e de seus próprios procedimentos. Uma escritura que cantasse o “eu”, compreendendo-o como um signo que surge e se refaz, que se constrói, constantemente, com o desenvolvimento da **linguagem** e com o reconhecimento da **alteridade**. Quando o poeta que negou ser poeta inventou Teste, inventou-se o mesmo enquanto outro; quando o poeta criador de poetas inventou Soares, inventou-se outro enquanto o mesmo.

Referências Bibliográficas

- [1] VALÉRY, Paul. *Œuvres*, II. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1993.
- [2] PESSOA, Fernando, **Livro do Desassossego**. São Paulo: Org. Richard Zenith, Companhia das Letras, 1999.

Autor

¹ **Brutus Abel FRATUCE PIMENTEL (Doutorando)**

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)
brutusabel@hotmail.com